

CINEMA DE ARTE DA BAHIA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Acervo Digital

Walter da Silveira

O Cinema de Arte da Bahia é uma ampliação do Clube de Cinema da Bahia.

Fundado em 1950, o clube significou na época um desafio.

Agora, em 1967, significa uma resposta.

Aos que não acreditam na cultura cinematográfica. Aos que desvalorizam essa cultura. Aos que nela vêem exclusivamente um negócio.

Durante muitos anos, enquanto vivia do sacrifício solitário e desconhecido de seus fundadores e dirigentes, com a pequena colaboração de um quadro social escasso, cumpriu o clube seu fim de formar uma nova consciência de espectador cinematográfico.

Seria vaidade lembrar a história destes anos, em retrospectiva, festivais, sessões de cada semana, cursos, conferências, promoção de encontros e jornadas de cine-clubes de todas as partes.

Essa história terminaria em 1965, se a experiência anterior não fosse substituída por uma nova: esta do Cinema de Arte da Bahia.

Não mais o hermetismo dos iniciados. Espetáculo aberto para todos.

O novo tipo de cine-clubismo tinha antecedentes europeus, como o outro. Apareceu pela necessidade de levar o filme, ainda uma arte maldita em sua expressão mais independente a um número sempre maior, à própria massa, com o fim de educá-la esteticamente.

Dentro do sistema, existem na Europa os *cinémas d'essai*, os *studios*.

No Brasil, *cinemas de arte*.

A princípio, as exhibições continuaram semanais. Observou-se que o público desejava-as diárias, continuas como nas salas comuns.

Em março de 1967, o Cinema de Arte da Bahia passava a um funcionamento de cada dia. Não animava seus orientadores qualquer fim estranho à cultura cinematográfica. Apenas, como no passado, o proselitismo artístico.

Após 17 anos, o Cine-Clube da Bahia tinha sede definitiva: uma velha casa escondida na área mais tradicional da cidade.

A imagem e o som eram ruins. O calor incomodava tanto quanto a estreiteza das cadeiras. Mas o público frequentava, apoiava, queria ver os filmes programados por um clube que não nasceria para o negócio cinematográfico, por um clube que, sem arrivismo, possuía o empenho gratuito da arte.

Não foi difícil convencer os donos da casa que deviam melhorá-la. Sua tradição na Bahia era a de quem já havia dado a alta qualidade das salas de espetáculo que Salvador tem.

Não se fez uma reforma para abrigar o Cinema de Arte da Bahia. Fez-se, em realidade, outra casa.

Este *Cine Popular* de 1967 se inscreve entre as criações da nova arquitetura baiana, aquela que compreende seu papel de unir o moderno ao antigo.

Por sua fisionomia, pelos materiais usados, da cerâmica e dos azulejos à madeira e ao pano, são as formas e as cores típicas da cidade mais tradicional do País, valorizando o seu espaço mais ilustre, embora atualmente mais abandonado.

O Clube de Cinema da Bahia pode afirmar, com orgulho, que nenhum cinema de arte do Brasil tem uma casa de maior beleza e comodidade do que o Cinema de Arte da Bahia.

Seu dever, agora, passa a ser maior: uma programação que, prolongando a dignidade do passado, enobreça o presente.

E porque a primeira de todas as homenagens deva dirigir-se ao País, abre-se a programação com "*Terra em transe*", de Glauber Rocha, cineasta que, nascido na Bahia, tem uma glória internacional.

CINEMAS VERDE S/A e
CLUBE DE CINEMA DA BAHIA,
que patrocinam e orientam o
CINEMA DE ARTE DA BAHIA,
convidam V. Excia. e Exma.
Família para a inauguração do
CINE POPULAR, que se dará
às 21 horas do dia 18 do corren-
te, com a exibição de "TERRA
EM TRANSE", do cineasta
baiano GLAUBER ROCHA, in-
ternacionalmente premiado.

CONVITE

PROGRAMAÇÃO DO CINEMA DE ARTE DA BAHIA

Acervo Digital

Americanos, franceses, ingleses, italianos, russos, checos, húngaros, gregos, brasileiros — eis os filmes que constituem a programação do Cinema de Arte da Bahia, todos selecionados pelo Clube de Cinema da Bahia.

São filmes da Metro, da Fox, da Columbia, da United, da Universal, da Condor, da Toho, da Nikkatsu, da Shoschiku, da Tabajara, da Horus, da Difilm, da Rank.

Mais de cem filmes estão contratados, entre inéditos e reedições.

Pertencendo à Associação Brasileira de Cinemas de Arte, de que foi um dos fundadores, o Clube de Cinema da Bahia contará ainda com filmes da Fundação Cinemateca Brasileira e da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — sobretudo curtas-metragens de alto nível que farão parte dos programas. Documentários, películas de animação, desenhos, fitas sobre arte.

Entre os próximos filmes destacam-se: "Verdicto de uma consciência" de Hiromoxi Horikava (várias vezes premiado), "Ainda resta uma esperança" de John Schlesinger (Urso de Ouro do Festival de Berlim), "Mickey One" de Arthur Penn (considerado em toda parte um dos melhores de 1965), "Sempre aos domingos" de Serge Bourguignon (premiado com o Oscar do filme estrangeiro), "Lilith" de Robert Rossen (o mais louvado do célebre diretor recentemente falecido), "A ilha dos amores proibidos" de Damaso Damiani (Primeiro Prêmio do Festival de San Sebastian).

Entre as reedições, estarão "Oito e meio" de Fellini, "O processo" de Orson Welles, "Divórcio a italiana" de Pietro Germi, "Dr. Fantástico" de Stanley Kubrick, "O quinteto da morte" de Alexander Mackendrick, "Quando voam as cegonhas" de Kalatozov.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

043.3